

## A “Fronteira Móvel”: apontamentos para uma história comparada da América no século XIX

Juliana Jardim de Oliveira e Oliveira

### Resumo

Este trabalho é um exercício comparativo entre as obras *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *Facundo*, de Domingo Sarmiento e *The Frontier in American History* de Frederick Jackson Turner com o objetivo de compreender como se deu a formação de imagens nacionais, bem como de tipos ideais nesses autores a partir da dialética ou do confronto entre “civilização e barbárie” baseado na “tese da fronteira” e no conceito de “fronteira móvel” criados por F. J. Turner. Busca-se compreender como um elemento interpretativo desenvolvido a partir do avanço para o Oeste norte-americano também pode ser utilizado nas reflexões sobre a de identidades nacionais na Argentina e no Brasil.

**Palavras-chave:** Imagens Nacionais, Civilização, Barbárie

### Introdução

O desenvolvimento deste trabalho se deu diante da comparação entre as “imagens nacionais” criadas dentro das seguintes obras: *Os Sertões*<sup>1</sup>, de Euclides da Cunha; *Facundo*<sup>2</sup>, de Domingo Sarmiento e *The Frontier in American History*<sup>3</sup> de Frederick Jackson Turner. No fundo a preocupação dos três autores desembocava naquilo que era o meu interesse maior: a construção dos Estados Nacionais e a formação da identidade nacional na América.

A partir do paralelo traçado entre as obras, pretendeu-se demonstrar como Euclides da Cunha, Sarmiento e Turner pensaram a constituição de seus Estados Nacionais a partir da dialética ou do confronto entre *civilização x barbárie*, que acabou norteando não apenas políticas nacionais, como todo o processo de constituição de projetos nacionais no século XIX, tornando-se expoentes em seus países pela inovação na forma de pensar suas identidades nacionais.

Essa dialética entre civilização e barbárie produz resultados diversos nos países e gera, a partir dessa leitura específica, imagens nacionais diferentes de acordo com a forma que os autores o concebem. Ela norteará as concepções de progresso e civilização

<sup>1</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*.

<sup>2</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*.

<sup>3</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in American History*.

intrínsecas na compreensão do trato com a região de “fronteiras móveis” tanto na Argentina, Brasil e Estados Unidos. O avanço da civilização e do progresso faz as fronteiras avançarem e produzirem resultados diversos nos três países.

## 1 A “FRONTEIRA MÓVEL”

A noção de “*fronteira móvel*” surge no trabalho de Turner como um instrumento de compreensão do movimento de avanço para o Oeste ao longo dos séculos XVIII e XIX. Trata-se de uma região de terras livres que surge a cada avanço para o Oeste e que representa um permanente confronto entre a civilização e a selvageria (*wilderness*). A partir do argumento do autor pode-se afirmar que é a diante deste confronto entre homem (branco) e “*wilderness*” que se forjam não apenas as características do norte-americano, mas aquelas que possibilitaram o desenvolvimento e a difusão dos ideais democráticos. Assim, a experiência norte-americana de *fronteiras* funda uma nova conceituação para o termo que vai de encontro à idéia de borda, limite, barreiras alfandegárias e outros obstáculos. Para Demétrio Magnoli, há uma duplicação no conceito de fronteira a partir da instrumentalização da mesma no expansionismo norte-americano.

A duplicação terminológica expressa nos termos *border* (ou *boundary*) – a fronteira política nacional – e *frontier* – a frente pioneira de colonização – refletiu o processo de produção dos mitos fundadores. O Destino Manifesto surgiu e se desenvolveu como expressão da dialética entre a *border* e a *frontier*.<sup>4</sup>

É a partir do avanço para o Oeste e, particularmente, a partir do trabalho inovador de Turner que essa conceituação se diferencia e se consolida não apenas na construção dos mitos fundadores, mas no próprio meio acadêmico. Turner afirmou que os americanos que avançam a fronteira eram constantemente submetidos a condições primitivas e definiu a fronteira como sendo “o ponto de encontro entre a selvageria e a civilização”<sup>5</sup>.

Os importantes resultados produzidos por esse encontro é que dão substância ao novo conceito. A fronteira afasta a selvageria e representa a área avançada da ocupação branca e civilizada. A marcha para o oeste levava junto o progresso, o desenvolvimento e a civilização, e atuava no processo de constituição da nação e da nacionalidade norte-

<sup>4</sup> MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria*. Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912), p.19

<sup>5</sup> TURNER, Frederick Jackson. *Op. Cit.*, p.3 “the meeting point between savagery and civilization”

americanas. Representava também a fundação e o avanço da democracia, na medida em que, para Turner, são exatamente as características forjadas na fronteira que possibilitam o desenvolvimento dos ideais democráticos.

De fato, a relação social, política e econômica constituída a partir da fronteira nos Estados Unidos foi uma experiência única. Para Ray Allen Billington houve ali uma combinação singular de ingredientes que gerou um ambiente social característico para o avanço dos pioneiros. Não obstante, o autor afirma que no mesmo momento, outras nações, inclusive da América Latina também conheceram um passado de fronteiras.

A interpretação do avanço da fronteira como algo necessário para a construção de um passado nacional é feita a partir de uma história intimamente ligada ao meio. A natureza e a terra são elementos fundamentais na fabricação do homem, da nação e do desenvolvimento capitalista. Podemos afirmar que há aqui uma espécie de “cumplicidade entre natureza, política e história”<sup>6</sup>. A natureza exerce uma influência positiva sobre a constituição dos homens que passam pela fronteira. Assim, o confronto com as “condições primitivas”, permitia aos pioneiros a construção de uma nova sociedade, mais igualitária, democrática e livre de um passado europeu marcado pelas dificuldades.

## **2 - As Terras Livres**

Para Ligia Silva<sup>7</sup>, uma premissa básica para se compreender a fronteira móvel é pensar a existência de terras livres. Apenas a partir da existência de uma vastidão de terras livres e de uma legislação agrária que as tornava acessível é que este novo homem norte-americano pôde se constituir. É justamente a acessibilidade destas terras aos imigrantes, dando-lhes oportunidades de crescimento e desenvolvimento econômico, que permite a edificação de uma sociedade democrática.

Em contraste, devido a uma política de terras muito diferente da dos Estados Unidos, no Brasil e na Argentina, as “terras livres” não provocaram os mesmos efeitos sobre a construção nacional. Para pensar até que ponto a ocupação das terras livres no Brasil, na Argentina e Estados Unidos foi importante para a construção nacional a autora faz um breve retrospecto da aplicação da concepção de fronteira móvel nos

---

<sup>6</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. *Natureza e Identidade Nacional*. In: \_\_\_\_ *América Latina no Século XIX* Tramas, Telas e Textos. p. 197

<sup>7</sup> SILVA, Ligia Osório. *Fronteira e Identidade Nacional*.

países da América Latina. O que se percebe, é que não existem muitos trabalhos relativos à importância das regiões que chamamos aqui de “fronteira móvel” nos países da América Latina e que a maioria das análises busca transplantar a teoria das fronteiras para essa região ao invés de buscar elementos comparativos que afirmem as diferenças mais do que as semelhanças.

Para entendermos os processos de constituição territorial nos três países é interessante tomar emprestado da geografia as doutrinas de “fronteira natural” e “predestinação geográfica”. Ainda que de maneiras diferentes, pode-se afirmar que os governos de Argentina, Brasil e Estados Unidos utilizaram-se dessas doutrinas na consolidação e formação de seus territórios.

A fronteira “natural”, distinta da “artificial”, politicamente definida, é uma delimitação formada *a priori* de determinado território, pela forma como a própria natureza a faz, através de rios, montanhas, oceanos, de uma continuidade natural do território. Entretanto, as fronteiras naturais traduzem não apenas uma suposta facilidade de demarcação e, mais importante, significados imaginários.<sup>8</sup> A doutrina da “predestinação geográfica”, por sua vez, é a que sustenta o direito à fronteira natural e é flexível, na medida em que essa fronteira avança cada vez mais.

A doutrina do “Destino Manifesto”, na qual os Estados Unidos estariam predestinados a ocupar a região até o Oceano Pacífico talvez seja o caso mais conhecido. Contudo, Magnoli demonstra que a “predestinação geográfica” também está presente no Brasil com o projeto Imperial de manutenção da unidade territorial, do qual o mito da “Ilha-Brasil” foi uma base importante. Na Argentina basta ir a Sarmiento, que caracteriza a Argentina como geograficamente “una e indivisível”, em oposição à fragmentação causada pelas independências. Para Magnoli a geografia foi crucial na elaboração ideológica do imaginário territorial através da representação das fronteiras; citando Michel Foucher, afirma que as fronteiras desempenham funções reais, simbólicas e imaginárias:

Na função de realidade, corresponde ao limite espacial do exercício de uma soberania nas suas modalidades específicas; Na simbólica, remete à pertinência a uma comunidade política inscrita num território que é o seu; têm um sentido indentitário. O imaginário conota a relação com o Outro, vizinho, amigo ou inimigo, e portanto a relação consigo

---

<sup>8</sup> MAGNOLI, Demétrio. *Op. Cit.*, p. 21

mesma, com a própria história e com seus mitos fundadores, ou destruidores.<sup>9</sup>

Diante disso, pensamos as imagens nacionais criadas pelos autores como uma interpretação dos seus próprios “destinos manifestos” e se eles estão sendo ou não realizados. Expliquemos: se a Argentina é naturalmente “una e indivisível”, o processo de fragmentação territorial pelo qual o país atravessa, desde a independência em 1816, vai de encontro à realização da nação Argentina. Isso pode estar relacionado à imagem negativa que Sarmiento cria sobre o homem argentino, já que este é resultado do meio bárbaro que os federalistas insistem em manter.

Já o Brasil, ao longo do Império busca a manutenção de uma unidade territorial considerada herança da colonização portuguesa. Canudos representa assim, o último sopro de insegurança que o Estado tem em relação à manutenção desta unidade. Num primeiro momento, Euclides incorpora a visão comum de que o arraial seria sim a incorporação da barbárie no país, indo a Canudos para comprovar isso ao povo brasileiro. Entretanto, após o contato com a realidade sertaneja e sobretudo depois de vivenciar a ação das tropas brasileiras, a visão de Euclides se transforma e o autor percebe que ao destruir o atraso do interior, a civilização poderia também interromper o processo histórico brasileiro natural de unidade, uma vez que destruíam também uma realidade representativa da originalidade nacional.

Já os Estados Unidos, passam por um processo de criação e expansão de seu território nacional. Esse processo permite que a representação do que é essencialmente nacional também seja criada, de forma inovadora. É o que o Turner faz quando muda o foco da formação nacional norte-americana. Ele mesmo forja o que é o nacional porque a Nação ainda está sendo formada.

A forma como cada país vive esse processo de consolidação do Estado e do território nacional configura-se em um contexto histórico que propicia a interpretação e a formação de imagens nacionais pelos autores, negativas ou positivas a partir da oposição civilização e barbárie na região das “fronteiras móveis”.

### **3 - Imagens Nacionais e Tipos-ideais**

---

<sup>9</sup> FOUCHER, M. apud MAGNOLI, Demétrio. *Op. Cit.*, p. 36

As regiões de “fronteiras móveis” na Argentina e no Brasil configuram também para aqueles autores, o *locus* privilegiado da formação da identidade nacional. Ao colocar lado a lado as três interpretações queremos afirmar que, apesar das grandes e importantes divergências entre elas, os autores ressaltam a importância da região de “terras livres”, que vivem sob a oposição civilização e barbárie para a constituição nacional e configuram-se, portanto, como fundadoras de imagens e “tipos sociais” que influenciaram o pensamento nacional nos três países. Da oposição nascem imagens nacionais positivas ou negativas, mas, apesar disso, o local da selvageria, seja ela a fronteira norte-americana, a vastidão dos pampas ou o sertão brasileiro constitui-se também como o local de formação de um herói mítico. Portanto, ainda que a região de fronteiras móveis seja representativa de um estado de barbárie, tanto o “*pioneer*”, o *gaúcho* ou o *sertanejo* são, em realidade, expressões máxima da originalidade nacional, do lugar do heroísmo e de integração com a natureza<sup>10</sup>.

O encontro com a fronteira e o isolamento nas terras mais longínquas produzirá resultados e auto-imagens nacionais diferentes em cada um dos países. O que se seguiu neste trabalho foi uma leitura de como essas imagens são produzidas em cada obra, destacando a forma como os autores concebem o embate entre civilização e barbárie e os tipos ideais (sertanejo, gaúcho e pioneiro) criados por eles a partir deste embate. As distintas imagens nacionais são, portanto, reflexo de uma maneira diferenciada de compreender a relação entre o Homem e a natureza em suas realidades nacionais. Desta forma a existência de grandes extensões de “terras livres” gerando o contato homem/natureza, influencia a construção das auto-imagens nacionais.

Entretanto, na tentativa de conhecerem melhor a realidades de suas nações, valeram-se de dicotomias que lhe foram muito caras: o confronto entre Civilização e Barbárie que norteia todos os trabalhos e que foram também traduzidos na forma do confronto entre Litoral X Interior (em Euclides), Leste X Oeste (em Turner) e entre Cidade X Campo (em Sarmiento) norteará as concepções de progresso e civilização intrínsecas no trato com a região das “fronteiras móveis”. Em relação ao Turner, por exemplo, Maria Lígia Prado afirma que a sua maior dívida com a tradição intelectual foi aceitar as idéias de civilização e barbárie para definir a questão da fronteira.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> PRADO, Maria Lígia C. Op. Cit., p. 171

<sup>11</sup> *Ididem*, p. 202

Assim, não apenas a natureza representa a barbárie, como os que a habitam. E nada deve ser um obstáculo ao avanço da civilização. Todos os meios necessários para o avanço da civilização sobre a barbárie, o avanço das luzes e do capitalismo seja alcançado, são válidos e dignos. Diante da necessidade de expandir a civilização e de levar o progresso adiante é que as fronteiras avançam e produzem resultados diversos nos três países. Destarte, as imagens nacionais construídas nos textos precisam ser compreendidas exatamente a partir dessa oposição. Nessas construções, há ainda, um outro elemento a ser considerado. Da relação entre homem e meio, surge, não somente as imagens nacionais, mas também tipos sociais característicos destas relações. O que quer dizer então, ser um homem da “fronteira móvel”? Qual é o papel de desenvolvem no processo de constituição nacional?

### **3.1 – O gaúcho**

Sarmiento aponta os pampas argentinos como uma vastidão de terras quase despovoadas e dominadas pela barbárie que precisa ser vencida pelas cidades, representativas da Ilustração e da civilização. Para Sarmiento, o campo argentino, bem como o gaúcho, são os maiores símbolos da barbárie. A extensão dos pampas dificulta o processo de unificação e guarda o seu maior mal: a barbárie natural e dos gaúchos; mas a Argentina é una e indivisível. A sua geografia mesmo deu conta de sua unidade. As suas características fluviais não apenas unificam a República, como são o maior “favor que a Providência concede a um povo”. Essa extensão, apesar de ser prejudicial à República, é um aspecto fundamental da constituição argentina.

Um resultado *infeliz*, como Sarmiento aponta, é a população que habita os pampas, que são os gaúchos. Estes se distinguem pela sua ociosidade e incapacidade produtiva, e a miséria da vida das campanhas de pastoreios só pode ser encarada pelo autor como um tipo de acidente.

Em meio à vastidão dos pampas, encontramos cidades como Buenos Aires e Córdoba, mal conseguindo sobreviver como um oásis de civilização em meio ao deserto dos pampas. A grande parte da população, entretanto, encontra-se no campo, e é apenas a partir dele que o autor acredita poder compreender a sua sociedade. Um dos mais graves problemas apontados pelo autor em relação à natureza argentina, é a dissolução da associação política. Para que as campanhas pudessem ser povoadas em toda sua

extensão, as famílias precisaram ser dispersas, não encontrando meios de desenvolverem socialmente; assim, “não há res publica”<sup>12</sup>. As campanhas assumem para Sarmiento a forma mais distante da civilização, mais ainda quando Rosas e Quiroga assumiram o governo de Buenos Aires e do interior, realizando uma verdadeira barbarização da sociedade argentina, caracterizando-se pela “falta de todos os meios de civilização e de progresso”.<sup>13</sup>

O resultado do encontro entre civilização e barbárie nos pampas argentinos e, principalmente a partir das ações dos governos de Quiroga e Rosas é o mais nefasto possível. Sarmiento produz uma imagem nacional extremamente negativa, na qual se caminha para a barbárie total no interior argentino na medida em que esta população, sem educação, não consegue perceber a decadência e a destruição da civilização argentina onde triunfam os caudilhos sobre as formas civis e desenvolvem seu caráter de ódio contra a civilização.

### 3.2 – o sertanejo

Euclides encontra no confronto de Canudos a expressão da relação entre Homem e Terra. O meio forja o sertanejo. Sertanejo e terra são o mesmo construto. Ali, está, de fato, o homem brasileiro. O cerne da nossa existência. O sertanejo é um homem *puro*, de aparência frágil e debilitada, mas uma raça forte. É o mestiço forjado a partir de uma realidade física e social exclusivamente brasileira. O sertão torna-se assim, o lócus privilegiado da formação nacional.

Em Euclides está a dualidade na noção de sertão. O espaço esparsamente povoado, desconhecido, inacessível, dominado por feras, percebido como território bárbaro, onde a civilização seria impossível é uma forma de conceber o sertão, não apenas por Euclides, mas por toda a geração de pensadores de sua época, bem como pelo senso comum.<sup>14</sup> Em contrapartida à visão do inferno, surge também a visão do sertão como paraíso, lugar de redenção que teria formado o grande herói sertanejo. O sertão aparece na produção intelectual brasileira ora como imagem extremamente

---

<sup>12</sup> *Idem*, p.76

<sup>13</sup> *Idem*, p.78

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Ricardo de. “Euclides da Cunha, *Os Sertões* e a invenção de um Brasil profundo”. In: *Revista Brasileira de História*. p. 517



positiva ou terrivelmente aterrorizante, mas em todo caso, tornou-se um elemento essencial para o entendimento de “nação”.<sup>15</sup> Em *Os Sertões* a mudança de perspectiva de *terra ignota* para lugar de formação do verdadeiro ser nacional, foi possível a partir da experiência pessoal do autor e gerou modificações permanentes no pensamento nacional, fundando a *mitologia da brasilidade sertaneja*.<sup>16</sup>

Essa mudança de concepção é fundamental. Apesar de o avanço da civilização fazer parte de um processo inexorável, ele não é percebido pelo autor como sendo o melhor caminho possível. A destruição do sertão pelo processo civilizador será o grande erro da República brasileira e das elites nacionais. A derrota do sertão/sertanejo na luta de Canudos era quase um aviso sobre o futuro de uma sociedade incapaz de acabar com as suas fronteiras internas, mas capaz de negar o verdadeiro representante da sua nacionalidade.

Euclides inaugura uma denúncia do descaso e da irresponsabilidade das elites para com o sertanejo<sup>17</sup>. No sertão, apesar de esquecido, e talvez por isso mesmo, a brasilidade se forjou “protegida da degradação e do estrangeirismo do litoral. Lá o Brasil é profundo, autêntico!”.<sup>18</sup> Antes de tudo, um forte. Retrogrado, não degenerado. A fadiga e a preguiça são apenas aparência. Quando suas energias são requisitadas, logo se levanta e desencadeiam as energias. O sertanejo está livre da “cultura de empréstimo”; está livre para constituir, ainda que em seu próprio tempo, uma nação brasileira também livre, soberana. As condições físicas impostas a eles não os prenderam, mas os libertaram desta cultura estrangeira, enrijeceu o seu organismo e a sua índole, e prepararam-no para, um dia, alcançar a civilização. No sertão, a raça que se forma surge robusta, e moralmente superior diante das condições físicas impostas pelo meio que o forja. O embate entre canudos e o governo é o embate entre dois tipos de civilização. A guerra de canudos seria uma derrota na constituição da nacionalidade brasileira, e a demonstração maior de que, talvez, a República brasileira não conseguisse jamais realizar o seu “destino manifesto”, o exército iria exterminar

---

<sup>15</sup> AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação’. In: Estudos Históricos.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Ricardo de. *Op. Cit*

<sup>17</sup> LIPPI, Lucia. ‘A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro’. In: *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, p. 06

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Ricardo de. *Op. Cit.* p. 525

“aqueles que estavam destinados a formar uma grande raça, ‘a rocha viva’, uma espécie de essência, de onde poderia emergir a nacionalidade brasileira”<sup>19</sup>.

Está clara a preocupação de Euclides com a formação de um *ser nacional*, de uma raça especificamente brasileira, forjada em um meio físico e social também particular, esse ser, e suas relações de sociabilidade se fazem a partir de uma relação direta com a Terra.

Em Euclides, portanto, o embate entre civilização e barbárie não trará necessariamente bons frutos. Apesar de acreditar no progresso como uma força histórica inevitável, a forma como esse avanço da civilização e da modernidade se deu no Brasil, assim como a República em si, foi apenas mais uma demonstração do atraso desta em relação à Europa. Mas não se trata de todo, de uma imagem nacional negativa. Apesar de colocar em xeque o futuro nacional, Euclides consegue ainda descobrir no sertanejo uma redenção para a nação, um ser capaz de traduzir a essência do brasileiro e que, futuramente, poderá levar a cabo o projeto grandioso da nação brasileira, finalmente unificada.

### 3.3 – o pioneiro

É importante notar aqui, como o papel desempenhado pela natureza inóspita nos Estados Unidos é totalmente diferente daquele desempenhado no Brasil e na Argentina, na medida em que ela é exatamente o elemento que possibilita a formação de um ser nacional forte, altivo, bravo e, acima de tudo, democrático. A fartura da natureza americana permite o avanço da civilização, política, econômica e socialmente. Para o autor, a própria natureza, através do Mississipi que compele os rios do Norte e do Sul a se juntarem, e que nutrem o Oeste, proporcionaram a unificação do território nacional, afastando de vez o perigo de uma fragmentação.

Para demonstrar como os homens de fronteira alteraram os rumos da sociedade norte-americana, ele descreve os *ideais pioneiros* que são as características fundamentais dessa população. Estes são, para Turner, o *espírito de conquista* e de *subjugar a natureza*. A conquista da natureza se fazia com um espírito extremamente

---

<sup>19</sup> MADEIRA, Angélica. “Fraturas do Brasil: o pensamento e a poética de Euclides da Cunha”. In: AXT, Gunter & SCHÜLER, Fernando. *Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade*. pp. 110-111 (grifos nossos)

visionário. O pioneiro é quem trilha os caminhos da civilização. Isto se realizou através de conhecimentos adquiridos apenas com a experiência. Já o *desenvolvimento pessoal* que se desenvolve a partir da competição individual que ele carrega da civilização, cresce em um meio livre das restrições sociais e governamentais. Tão importante quanto o individualismo, era o ideal de democracia, em oposição aos da aristocracia, do monopólio e do privilégio do Leste dos Estados Unidos. Para Turner a democracia nasce como um resultado da existência de vastas quantidades de terras livres, sendo essencialmente pioneira. O homem da fronteira acredita, efetivamente, no *destino manifesto* do seu país e a cada linha que a fronteira avança, os Estados Unidos afastam-se cada vez mais do tipo europeu, construindo uma história efetivamente nacional.

Finalmente, podemos afirmar que no trabalho de Turner, a fronteira móvel representa essencialmente o lugar de formação da identidade nacional norte-americana. A natureza age de forma positiva e o resultado entre o encontro entre homem e “wilderness” é extremamente positivo, analogamente, podemos afirmar também que o confronto entre civilização e barbárie para os Estados Unidos é tratado como algo positivo e necessário para o desenvolvimento da civilização norte-americana. O homem da fronteira é considerado um produto positivo e importante desse confronto. É ele que traz em si os ideais pioneiros forjados a partir do avanço da civilização sobre a selvageria. O individualismo, o espírito empreendedor e democrático são resultados da fronteira e precisam ser enaltecidos como os verdadeiros elementos da “norte-americanidade”.

#### **4 – Considerações Finais**

Buscamos demonstrar a forma como importantes intelectuais da América pensaram aspectos da formação nacional de seus países. Podemos destacar aqui a busca por um elemento que represente o herói nacional. Ainda que não tenham encontrado, necessariamente, um brasileiro, argentino ou mesmo um norte-americano digno dos contos cavalheirescos da Europa, é possível afirmar que Euclides, Sarmiento e Turner conseguiram fazer o mais importante: pensar a si mesmos a partir de suas particularidades geográficas, históricas, políticas e sociais. Os tipo-ideais que encontramos em cada um deles são representativos deste esforço de autocompreensão e da formação de imagens que, apesar de serem embasadas pela oposição civilização e

barbárie e de pressupostos civilizatórios e culturais estrangeiros, resultaram na formação de uma identidade própria. Ao mesmo tempo que intérpretes dessa tradição foram também formadores de uma nova tradição nacional, produzindo um conhecimento acerca da nação que, ao contrário de se negarem acabou por formular um reconhecimento interno e externo de suas particularidades históricas.

A atuação do Estado como agente principal de mudanças aparece nos três autores. Para Sarmiento, a única solução para o fim da barbárie na Argentina seria uma mudança radical no ensino do país que seria levada a cabo pelo governo; Turner enfatiza a necessidade de o governo institucionalizar a democracia, mantendo vivos os ideais democráticos fundados pelos pioneiros na fronteira; Euclides coloca nas mãos do governo brasileiro, apesar de uma descrença nos ideais republicanos, a possibilidade de tornar o Brasil uma sociedade unida, a união entre sertão e litoral. Nota-se assim, que, guiados pela crença e pela vontade de ver nascer um Estado Nacional forte e soberano, consciente de suas particularidades, mas inscrito na marcha civilizatória, eles dicotomizam as sociedades que estudam, para depois propôr uma forma de uni-las em torno de um projeto maior que é o Estado-nação.

É possível pensar que os nossos autores do século XIX tomaram emprestado da Europa e dos Estados Unidos, sistemas e valores, muitas vezes inadapáveis à nossa realidade. Contudo, esses termos precisam ser vistos não como sinais de “entreguismo” ou como impositores de idéias estranhas e importadas que pudessem desnaturalizar as suas nações<sup>20</sup>, mas como ferramentas “por meio das quais os nossos autores tentaram diagnosticar a terra natal e elaborar os novos constructos que passariam a identificar à nacionalidade”<sup>21</sup>. Se mantivermos em mente a historicidade dos textos podemos então afirmar que conseguiram re-significar sentidos já existentes e criar novos significados.

Inscrevemos as obras analisadas dentro de um amplo contexto internacional que é o da formação dos Estados Nacionais sem perder de vista a particularidade das imagens e dos “tipos-ideais” nacionais. Estes vieram a ser representantes legítimos dos processos sócio-históricos e geográficos pelos quais passaram Argentina, Brasil e Estados Unidos.

---

<sup>20</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. *Op. Cit.*, p. 27

<sup>21</sup> PAMPLONA, Marco. *Op. Cit.*, p. 16

## 5 –Bibliografia Citada

- AMADO, Janaína. 'Região, Sertão, Nação'. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8,n.15, 1995, p. 145-151 Disponível em:< <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/169.pdf>> Acesso em:10/01/2007
- BILLINGTON, Ray Allen. "Fronteiras". In: WOODWARD, C. Vann. *Ensaio Comparativos Sobre a História Americana*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1972
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001
- LIPPI, Lucia. 'A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro'. In: *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*. Vol. V (suplemento), 195-215 julho 1998 Disponível em:<<http://www.scielo.br/scielo.php>
- MADEIRA, Angélica. "Fraturas do Brasil: o pensamento e a poética de Euclides da Cunha" . In: AXT, Gunter & SCHÜLER, Fernando. *Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria*. Imaginação Geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Editora Unesp: moderna, 1997
- PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos*. 2. ed. São Paulo; Bauru: EDUSP; EDUSC, 2004. v. 1. 228 p.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis; RJ: Vozes, 1996
- SILVA, Henrique M. "Fronteira e Identidade Nacional na Historiografia Americana". In: MALERBA, Jurandir (org.) *A Velha História*. Teoria, Método e Historiografia. Papyrus Editora
- SILVA,Ligia Osório. *Fronteira e Identidade Nacional*. Disponível em [http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe\\_2003\\_101.pdf](http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_101.pdf).
- TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in American History*. New York: Robert E. Krieger Publishing Company, 1976